

Autismo e TikTok: a influência das redes sociais no acolhimento à neurodiversidade através de perfis de mães atípicas¹

Karyne Lane Alves GOMES²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho busca analisar como redes sociais como Instagram e TikTok têm se tornado espaços de troca de experiências entre mães atípicas, o que tem ajudado a desmistificar estigmas e contribuído com a educação inclusiva de crianças e adultos neurodivergentes no Brasil — um movimento que acompanha e impulsiona a crescente mundial de diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA)³. Para tanto, a pesquisa parte de dois perfis emergentes nessas duas plataformas — o de Dalva Tabachi (@dalvatabachi) e Luci Maia (@lucigmaia) —, e os examina, na medida do possível, em diálogo com autores da Psicologia e da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; transtorno do espectro autista; psicologia e comunicação; neurodiversidade; neuroatipicidade.

INTRODUÇÃO

Se, por um lado, a comunicação social está entre os principais desafios enfrentados pelas pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (CORREIA, 2010), por outro, nas últimas décadas, a influência de diversos agentes comunicacionais acompanhou e impulsionou a crescente de diagnósticos de autismo, e redes sociais como o Instagram e o TikTok têm se tornado espaços de troca de experiências entre mães atípicas, o que tem ajudado a desmistificar estigmas e contribuído com a educação inclusiva de pessoas neurodivergentes.

A impressão é de que, nos últimos anos, especialmente nos que sucederam a pandemia de Covid-19, os diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil e no mundo explodiram. Especialistas argumentam, porém, que o que aumentou não foi a quantidade de casos⁴, mas sim o volume de informações que levam ao

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Processos midiáticos, infâncias e juventudes”, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Recém-graduada no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: karynelane@gmail.com.

³ Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é definido pelos déficits no desenvolvimento, que envolve principalmente um tripé de características: dificuldade na interação, na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, o que pode implicar na maior demanda de atenção, cuidados e dependência dos responsáveis.

⁴ Com uma população estimada em 203.080.756 — segundo o Censo 2022 — teríamos cerca de 5.641.132 autistas no país. Esse número representa um aumento de 22% em relação ao estudo anterior, feito em 2018 e que estimava que 1

diagnóstico — inclusive tardio, em pessoas adultas —, bastante impulsionado pela presença online que o acesso à internet passou a ter nesse mesmo período.

Os perfis de Dalva Tabachi⁵ e Luci Maia⁶ destacam-se como exemplos de como essas plataformas podem ser utilizadas para compartilhar vivências, estratégias de cuidado e recursos relacionados ao autismo e à neurodiversidade. A representação autêntica e positiva do autismo e da neurodiversidade nos perfis analisados contribui para a desmistificação de estigmas e preconceitos associados ao TEA. Ao compartilhar suas experiências de forma aberta e empática, as mães atípicas ajudam a promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade neuroatípica.

Dalva é mãe de Ricardo, enquanto Luci é mãe dos gêmeos Ângelo e Augusto⁷. Ambas são senhoras de idade avançada que se utilizam dos vídeos para registrar o cotidiano dos filhos, já adultos, imagens através das quais mostram a inteligência, o senso de humor, a autonomia e a independência dos filhos adultos cuja neuroatipicidade foi descoberta em um época em que a discussão sobre autismo ainda engatinhava no país.

Nas próprias páginas elas dão exemplos de situações em que os filhos foram alvos de preconceito e como a educação e o carinho foram as principais saídas encontradas para enfrentá-las. Vale ressaltar que ambas se tornaram mães atípicas quando esse termo não havia se popularizado na sociedade, tampouco a educação inclusiva para seus filhos era uma realidade nas escolas. Pessoas que manifestassem qualquer “desvio” de comportamento eram consideradas doentes mentais que precisavam de isolamento da sociedade — uma abordagem que tem vieses da visão sobre “loucura” combatida pela luta antimanicomial⁸.

A troca de experiências proporcionada pode ser atestada, principalmente, por meio dos comentários deixados pelos internautas, sobretudo mulheres, que

em cada 44 crianças apresentava TEA naquele ano. Fonte: [“Autismo no Brasil: ‘Casos não aumentaram, o que aumentou foi o volume de informações que levam ao diagnóstico’ diz especialista” \(Brasil 61\)](#)

⁵ Dalva Tabachi, de 76 anos, é uma comerciante carioca da área de moda e mãe de quatro filhos — entre eles, Ricardo. É autora dos livros “Mãe, me ensina a conversar” e “Mãe, eu tenho direito!: Convivendo com o autista adulto”.

⁶ Luci Maia, de 76 anos, é pedagoga natalense e funcionária pública aposentada, mãe de Ângelo e Augusto, frutos da quarta gravidez.

⁷ Além de autistas, os dois também possuem a Síndrome de Williams, uma desordem genética do cromossomo 7, causada pela ausência de 21 genes deste cromossomo, e que apresenta impactos nas áreas comportamental, cognitiva e motora.

⁸ O movimento da luta antimanicomial se caracteriza pela luta dos direitos das pessoas com transtornos mentais através do combate à ideia de que elas devem ser isoladas da sociedade (normalmente em manicômios) em nome de pretensos tratamentos — uma corrente baseada em preconceitos que cercam as questões de sofrimento mental.

compartilham relatos a respeito de como aqueles registros mudaram a forma de enxergar as possibilidades futuras do filho, o modo de lidar com certos comportamentos, questionamentos ou crises, a maneira com que a sociedade deve respeitar e tolerar a existência de pessoas que se apresentam diferentes do esperado.

O surgimento de espaços como esses auxilia desde a desmistificação do estigma, passando pela construção do diagnóstico e pelo acolhimento às mães, pais e responsáveis por crianças autistas cuja principal preocupação gira em torno de questões sobre autonomia e independência daqueles sujeitos a partir do momento em que as figuras maternas, paternas ou de representação familiar mais próximas não estiverem mais por perto, até a conscientização coletiva sobre as questões que pairam sobre esses sujeitos.

A recompensa para engajar-se na experiência no espaço midiático, vai além dos retornos materiais e financeiros que podem ser obtidos com o reconhecimento, de acordo com Shirky (2011, p.102) está intrinsecamente relacionada à sensação de liberdade no compartilhamento “as redes digitais barateiam o compartilhamento e tornam a participação potencial quase universal”, alcançando notoriedade nas plataformas de redes sociais. O conteúdo torna-se replicável pelo compartilhamento do know how do cotidiano, e os sentidos e valores atrelados pelos atores sociais à performance estabelecem uma conexão com o produtor, em meio a tantos outros perfis sobre determinadas temáticas.

A plataforma de rede social possibilita que os atores socializem e moderem informações que estarão visíveis às audiências. Este gerenciamento influencia na percepção dos indivíduos sobre si, “ser influenciador digital é ser legitimado pelos públicos – incluindo aí o próprio mercado sobre o qual o influenciador fala ou do qual se aproxima”. (KARHAWI, 2019, p.2).

Para além das narrativas não ficcionais, em se tratando do que versa este trabalho, começaram a aparecer personagens autistas em filmes, séries de televisão e como romances. Como efeito dessa conjuntura, o tema teve seu alcance ampliado para a sociedade em geral. Além disso, neste contexto, é notável o aumento no número de casos diagnosticados como autismo que, apesar da origem desta expansão ser permeada por muitos debates envolvendo questões desde novas definições nosológicas a acessos a benefícios financeiros, levou o tema a ganhar notoriedade e circular nas rodas de conversa, grupos de Whatsapp e no YouTube (RIOS et al., 2015).

Escutar as narrativas das mães auxilia a entender os entraves, as preferências e as críticas, possibilitando um desenho da rede com maior amplitude de olhares e experiências (MERLLETI, 2018). Assim, é de grande relevância analisar o que estas mães têm produzido online, pois entende-se que a internet e, sobretudo, as redes sociais, têm uma grande importância para a construção do sentido público sobre saúde. Neste campo, os familiares são fundamentais, pois a vivência junto às crianças com autismo e as estratégias de construção do cotidiano são transmitidas por eles via Internet e aproveitada por outros familiares.

Para Frossard e Dias (2016), é fundamental que se leve em consideração os valores e narrativas construídos no campo on-line para a construção de políticas públicas e para refletir sobre as relações entre profissionais e usuários dos serviços de saúde. Daun (2018), por sua vez, destaca a importância dos estudos em saúde coletiva sobre conteúdos veiculados no ambiente digital, “pois os conhecimentos e tomada de decisões em saúde dos indivíduos, que já eram influenciados por outras mídias, como programas na televisão, passam a ser também influenciados por conteúdos disponíveis ‘online’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho destaca a importância dos perfis de mães atípicas no Instagram e no TikTok como recursos valiosos para famílias de crianças autistas. Ao fornecer suporte emocional, informações úteis e uma comunidade de apoio, essas plataformas desempenham um papel crucial no acolhimento ao autismo e na promoção da inclusão e da compreensão. Futuras pesquisas podem explorar ainda mais o impacto desses perfis e identificar estratégias eficazes para maximizar seu potencial no apoio a famílias atípicas.

Os perfis examinados nesta pesquisa também desempenham um papel crucial na promoção da educação inclusiva de crianças e adultos neurodivergentes. Ao compartilhar informações sobre estratégias educacionais, recursos disponíveis e experiências pessoais, essas mães atípicas contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acessível para pessoas com TEA.

REFERÊNCIAS

CORREIA, O. B; LAMPREIA, C; CAMPOS, F. S. **As falhas na emergência da autoconsciência na criança autista**. Psic. Clin., Rio de Janeiro, 2010.

DAUN, Felipe. **A “Internet” a serviço das Políticas de Saúde Pública**. Dissertação (Mestrado em Nutrição em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

FROSSARD, Vera Cecília; DIAS, Maria Clara. **O impacto da Internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde**. Interface (Botucatu) , v. 20, n. 57, p. 349-361, Jun 2016.

KARHAWI, I. **Crises geradas por influenciadores digitais: propostas para prevenção e gestão de crises**. Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp). São Paulo, 2019.

MERLLETI, Cristina. **Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais**. Psicologia USP , São Paulo, v. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.

RIOS, Clarice et al. . **Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira**. Interface (Botucatu) , Botucatu, v. 19, n. 53, p. 325-336, Jun. 2015.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.